

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI

FILOZOFICKÁ FAKULTA

Katedra romanistiky

Portugalská sekce

CONVIVÊNCIA RELIGIOSA NA PENÍNSULA IBÉRICA

BAKALÁŘSKÁ PRÁCE

JANA FABOVÁ

Vedoucí práce:

Mgr. Petra Svobodová

Olomouc 2011

Čestné prehlásenie

Prehlasujem, že som bakalársku prácu vypracovala samostatne a uviedla všetky použité zdroje.

Olomouc, 3. máj 2011

.....
podpis

Pod'akovanie

Chcela by som poďakovať Mgr. Petre Svobodovej za vedenie, užitočné rady a inšpiráciu, ktoré mi poskytla pri písaní bakalárskej práce.

Conteúdo

Introdução	6
1 Formação do território islâmico	10
1.1 O surgimento do Islão	10
1.2 Império muçulmano	11
1.3 Periodização do Império muçulmano.....	12
1.4 O desenvolvimento da divisão territorial do império islâmico entre as dinastias.....	13
2 A penetração dos visigodos na Península Ibérica	15
2.1 O reino visigótico	15
2.2 Sociedade no reino visigótico de ponto de vista religioso	16
2.2.1 A intolerância religiosa	17
3 A conquista muçulmana da Europa	19
3.1 Penetração dos Árabes	19
3.2 O avanço dos árabes para o Norte e o início da reconquista.....	21
4 A Península Ibérica sob o domínio árabe	23
4.1 Emirado de Córdoba 756-929	24
4.2 Califado de Córdoba 929-1031	25
4.3 O período dos primeiros reinos de taifas 1031-1090.....	26
4.4 Período almorávida 1090-1145	28
4.5 Período almóada 1175-1231	28
5 Sociedade no Al-Andalus, e a sua convivência religiosa	31
5.1 Cristãos.....	31
5.1.1 Moçarábes	32
5.1.2 Muladis	33
5.2 Judeus.....	34
5.3 Muçulmanos.....	35
5.3.1 Árabes	35
5.3.2 Berberes	35
5.3.3 Almorávidas e Almóadas.....	36
5.4 Primeira fase da convivência- Tolerância religiosa	37
5.5 Segunda fase da convivência- Alianças temporárias entre os componentes da sociedade	38

5.6	Terceira fase da convivência- Reconquista.....	40
5.7	Sociedade na Península Ibérica depois do ano 1249.....	41
	Conclusão.....	43
	Resumo em eslovaco	46
	Resumo em inglês.....	47
	Anotação	48
	Bibliografia.....	49
	Lista das mapas.....	52

Introdução

Graças à posição muito vantajosa, o território da Península Ibérica, situado na costa do Oceano Atlântico e do Mar Mediterrâneo muito perto da costa da África, foi sempre um território atraente para todas as tribos invasoras da Europa e da África.

O grande número de tribos guerreiras diferentes que gradualmente conquistavam este território criou uma espécie de mistura da população na Península Ibérica. Entre as tribos mais importantes podemos mencionar os Romanos e as tribos germânicas porque a presença delas deixou a herança rica entre a qual a religião é a mais importante. Os Romanos penetraram no território da Península já antes do nascimento do Cristo e cultivavam várias religiões politeístas e professavam cultos romanos e orientais. Mais tarde, após a expansão do cristianismo no Império Romano do Ocidente, chegou esta religião também ao território da Península Ibérica. O cristianismo começou a penetrar no território da Lusitânia no século III, um século mais cedo do que na Galiza porque os ensinamentos heréticos e ascéticos muito influentes impediram a penetração do cristianismo no território galaico. No fim do século IV as tribos germânicas conhecidas sob o nome de bárbaros, como os Alanos, Suevos, Vândalos, Ostrogodos ou Visigodos que passaram quase por toda a Europa, chegaram até à Península Ibérica. Essas tribos eram politeístas. O cristianismo entrou em contacto com as religiões politeístas trazidas pelos bárbaros, estas religiões diferentes existiram lado ao lado. Além de politeísmo e cristianismo, havia na Península Ibérica também os judeus que após a expulsão de Jerusalém em 135 dispersaram-se por todo o território do Império Romano de então. Assim, já no início do milénio nota-se na Península Ibérica uma grande variedade religiosa. Mais tarde, durante o reino dos Visigodos, o politeísmo passo a passo desapareceu e na Península Ibérica começaram a dominar duas religiões monoteístas, o cristianismo católico e o judaísmo.

Outra grande religião apareceu no século VIII, com a chegada dos muçulmanos. O islamismo entrou em contacto com as duas religiões peninsulares, catolicismo e judaísmo, e o período de convivência religiosa e cultural destas três religiões durou cinco séculos em Portugal, e na Espanha de hoje ainda mais. Esta convivência religiosa era um berço da cultura para a Península Ibérica e mais tarde trazia benefícios para toda a Europa.

Este período da história da Península Ibérica interessa-me muito, mas é só pouco tratado, por isso decidi elaborar este tema. O objectivo principal da minha tese é aproximar, explicar e analisar a vida da sociedade da Península Ibérica onde conviveram os seguidores de diferentes religiões. Gostava de mostrar que esse período não era um período da opressão dos cristãos, nem da intolerância religiosa, mas o contrário, esta convivência religiosa possibilitou grande expansão cultural. Gostava de mostrar também que a conquista da Península Ibérica e as lutas entre os partidários de diferentes religiões não eram motivadas religiosamente, mas territorialmente. Portanto na minha tese vou dedicar-me sobretudo ao desenvolvimento das relações entre os partidários de diferentes religiões desde o período do reino visigótico, durante cinco séculos da invasão árabe até o fim da reconquista em Portugal para mostrar como parecia a coexistência socio-religiosa em cada destes períodos.

A descrição da sociedade baseia-se em dados factuais como por exemplo os anos das conquistas das cidades ou os anos e lugares das batalhas porque ajudam a compreender a evolução histórica e ao mesmo tempo forneçam um panorama global de uma época histórica que explica o desenvolvimento das relações na sociedade. Na minha tese sempre tentei explicar primeiro a situação histórica e segundo as relações dentro da sociedade. Na primeira parte da minha tese descrevi o Império Árabe da Península Árabe até a África do Norte. Na parte seguinte descrevi a chegada dos Visigodos à Península e as relações sociais dentro do reino visigótico, sobretudo as relações entre os cristãos e judeus. Na terceira parte dediquei-me à expansão árabe na Península Ibérica, à conquista gradual de todo o território, e à chegada da nova religião entre o povo peninsular. A parte seguinte é dedicada à análise detalhada da sociedade que era constituída pelos muçulmanos, judeus e cristãos e à tolerância religiosa. Na última parte expliquei a deterioração das relações mútuas após a chegada dos Almorávidas e Almóadas e o fim do domínio muçulmano em Portugal.

Na minha tese houve três problemas principais. O primeiro problema apresenta a terminologia porque há diferentes denominações das tribos dos conquistadores. Por existir certa confusão no uso dos nomes, é necessário explicar como surgiram as denominações diferentes. Os conquistadores árabes eram conhecidos por três nomes, árabes, muçulmanos e mouros na Península Ibérica. A pátria dos Árabes era a Península Árabe portanto os habitantes desse território chamavam-se Árabes. Na Península Árabe vivia também a população árabe que professava a fé cristã. Porém, quando no

século VII apareceu neste território uma nova religião, os Árabes que aceitaram esta religião tornaram-se os muçulmanos. É importante notar que com a expansão gradual do Islão os muçulmanos não eram só os árabes, mas todas as tribos que converteram ao Islão. Os mouros é o nome que foi dado aos conquistadores árabes pelos povos indígenas da Península Ibérica. Na minha tese vou usar todos esses nomes mas é importante perceber que há diferenças grandes entre eles. O nome de Árabes podemos usar antes do nascimento do islamismo ou este nome pode ser também usado por nomear a primeira onda dos conquistadores da Península Ibérica, o nome de muçulmanos podemos usar durante a formação do Império muçulmano e o nome de mouros vou usar só no período da conquista da Península Ibérica. Mesmo em muitos livros podemos encontrar o termo de Árabes que é usado no contexto errado.

O segundo problema era a diferença das informações sobre este tema. Apresentar as informações cronologicamente foi um pouco difícil porque a conquista e a reconquista sobrepõem-se e as relações entre os povos não eram as mesmas no início da conquista e no fim da reconquista. Há muitas informações sobre este tema, primeiro tive que comparar as fontes onde as encontrei e depois tive que escolher as mais importantes. A primeira dificuldade que conheci durante o estudo das fontes foi o fato que algumas informações contradisseram ou diferenciaram-se muito. Por isso tive que passar muito tempo comparando as informações. Finalmente eu escolhi essas fontes que eu considerava mais confiáveis, nomeadamente *Dějiny Portugalska* de Jan Klíma, *Dějiny Portugalska v datech* de Jan Klíma, *História concisa de Portugal* de José Hermano Saraiva, *Maurové a Evropa* de Hans Kaufmann (traduzido por Ivan Hrbek) e o artigo *Os Muçulmanos no Ocidente peninsular* de Luís Manuel De Araújo (em *História de Portugal, Origens-1245*).

O terceiro problema foi que apesar de ter tido as informações suficientes sobre este tema, muitas delas eram gerais que se referiram a toda a Península Ibérica ou só à Espanha. Há poucas informações que se referem só a Portugal. Por isso tive que escolher as informações sobre os eventos que influenciaram diretamente Portugal, mas o uso de informações gerais era também importante para criar uma imagem completa do passado.

Foi precisamente a falta das informações sobre Portugal em concreto que me levou a escrever este trabalho. Eu pretendi que era escrito muitos ensaios sobre um período tão

essencial para Portugal mas na minha surpresa encontrei só poucas informações. Por isso tentei escolher os fatos relacionados a Portugal apesar que as informações sobre a sociedade peninsular sejam muitas vezes idênticas. É sobretudo nesta tentativa em que vejo o benefício da minha tese.

1 Formação do território islâmico

Depois da desagregação do Império Romano do Ocidente, o Império Romano do Oriente tentou manter uma cultura e tradição antiga, mas os sucessores de Maomé, através da nova religião, mudaram o curso da história. Apesar do fato que o Islã se encontrou com os ecos negativos da parte das culturas europeias, os muçulmanos criaram uma das maiores e mais significativas civilizações da Idade Média. Neste capítulo vou explicar a vida e a cultura dos Árabes antes da sua chegada à Península Ibérica.

O futuro império muçulmano surgiu na zona da Arábia onde, na altura, vivia uma população muito diversificada. No período antes da fundação do islamismo, podemos dizer no período pré-islâmico, viviam na Arábia os Árabes beduínos que se dedicavam à criação de animais, e os Árabes urbanos que se dedicavam ao comércio. Os Árabes não formaram um estado unido apesar de terem tido uma linguagem comum e a religião politeísta. Na cidade de Meca foi construído um templo religioso de Caaba e graças ao templo, Meca tornou-se o centro comercial e religioso de todos os Árabes. Nesse tempo a população era politeísta e cada tribo adorava os seus antepassados.¹

1.1 O surgimento do Islão

O Islão foi uma religião monoteísta que nasceu na Arábia no século VII. O fundador desta religião Maomé, de família coraixita muito pobre, inspirou-se nos elementos de outras religiões monoteístas com as quais entrou em contacto e fundando o islamismo usou os elementos do judaísmo e cristianismo. O nascimento da nova religião mudou a cultura do mundo árabe porque serviu para unificar todo o território da Península Arábica e inspirou a expansão.

Desde o momento da unificação da Arábia falamos sobre o período da Arábia islâmica. Quando Maomé proclamou a existência dum único Deus encontrou-se com a resistência grande dos povos indígenas que adoravam os antigos cultos religiosos. A afirmação sobre um único Deus provocou também as reacções negativas dos sacerdotes politeístas porque eles tinham medo de perder a sua influência em Meca. A oligarquia de Meca temeu a perda de rendimentos financeiros porque a peregrinação anual dos Árabes a Caaba, o santuário de suas divindades, trazia ganhos consideráveis a esta cidade.

¹ <http://www.algosobre.com.br/historia/mundo-arabe-o.html> 10.2.2011

Além disso, entre os seguidores de Maomé, além de parentes próximos também eram escravos, e jovens líderes de círculos empresariais que estavam insatisfeitos com as relações na cidade. Portanto a oligarquia tentou manter tanto a cidade de Meca como um centro de comércio de todos os Árabes, quanto as passagens de comércio que ligaram o Oriente com o Norte da África e passaram por Meca.²

Quando aumentou o número de crentes do Islão, surgiu o livro sagrado dos muçulmanos, o Corão, mas a sua doutrina foi rejeitada em Meca, por isso Maomé e os seus alunos fugiram a Medina, onde foi fundado o primeiro estado islâmico. Mais tarde com a ajuda dos seus alunos apoderou-se progressivamente dos oásis e conquistou também a cidade de Meca.³



Mapa 1: Península Arábica⁴

1.2 Império muçulmano

Após a morte de Maomé em 632 tomaram o poder os califas que eram representantes políticos e religiosos. O primeiro califa era o sogro de Maomé, Abú Bakr que suprimiu todas as tribos vizinhas na Península Árabe. Em 636 sob o domínio dos califas iniciou a expansão muçulmana, ou seja a expansão do Islão que ampliou as suas idéias em novos territórios através dos lutadores desta nova religião. Como a expansão do islamismo foi

² <http://www.juliofattisti.com.br/tutoriais/adrienearaujo/historia009.asp> 10.2.2011

³ <http://mb-soft.com/believe/ttnm/arabs.htm> 5.2.2011

⁴ http://www.google.pt/images?hl=sk&biw=1280&bih=518&q=peninsula+arabe&um=1&ie=UTF-8&source=univ&sa=X&ei=H_55TczqEMfvsga_38zdBw&ved=0CGMQsAQ 11.3.2011

mais forte do que a estabilidade dos estados vizinhos, as tribos vizinhas não conseguiram resistir aos ataques deste estado medieval muito forte.⁵ Já no fim do século VII o império muçulmano ocupava os territórios de Médio Oriente como Gaza e Jerusalém (634) que faziam parte do império bizantino, Palestina e Síria (638), Mesopotâmia actual Iraque (641), Egipto (642) e outros territórios do Norte da África e as partes da Índia e China no Extremo Oriente.⁶

Os Árabes acreditavam que estavam predestinados a espalhar a sua religião e anunciar que a sua fé é a única certa. É importante notar que o nascimento do islamismo tinha o efeito da chegada dos Árabes na Península Ibérica porque o objetivo principal já não foi só descrever a religião, mas estendê-la por mais territórios.



Mapa 2: Expansão muçulmana⁷

1.3 Periodização do Império muçulmano

A expansão muçulmana é geralmente dividida em 3 períodos, dentro dos quais a conquista da Península Ibérica representa a segunda fase. Na primeira fase entre os anos de 632 e 661 o território islâmico expandiu-se pela conquista da Síria, da Pérsia, da Palestina e do Egipto. Na segunda fase desde 661 até 750 os territórios da Índia, do Norte da África até o Marrocos e também a Península Ibérica foram tomados pela

⁵ <http://no.comunidades.net/sites/san/santaella/index.php?pagina=1088739588> 4.2.2011

⁶ <http://www.libanoshow.com/home/conquistas.htm> 4.1.2011

⁷ <http://terrasdesantiago.planetaclix.pt/intrhistsantiagosumula03.htm> 10.12.2010

Dinastia dos Omíadas. O avanço dos exércitos árabes foi interrompido pelo Carlos Martel na Batalha de Poitiers em 732. Durante a terceira fase desde o ano 750 até 1258 a Dinastia dos Abbásidas dividiu o seu império em três califados: O califado de Bagdá na Ásia, o Califado de Córdova na Espanha e o Califado do Cairo no Egípto.⁸

1.4 O desenvolvimento da divisão territorial do império islâmico entre as dinastias

Com o crescimento do império foi importante mantê-lo e governá-lo. Por isso os muçulmanos inventaram o sistema de califados. O califado era a forma do governo islâmico, ou seja a divisão territorial ou também pode ser descrita como a unidade administrativa do Império muçulmano. Os califados diferenciaram-se entre si. Quanto à política e à governação do território, isso dependeu sempre da dinastia que governava. Por isso neste subcapítulo vou explicar as diferenças entre as dinastias e caracterizá-las.

O primeiro período após a morte do profeta Maomé podemos indicar como o período de quatro califas porque governaram quatro Califas Ortodoxos que eram os descendentes diretos de Maomé. Durante este período que durou desde 634 até 660 os califas conquistaram as paisagens vizinhas como o Egípto, Síria e Iraque.

Durante o reino da dinastia Omíada, que representa a segunda fase da divisão territorial e que durou mais de um século (661-750), o Império conheceu o seu maior crescimento porque alargou-se pela conquista do Norte da África e da Península Ibérica até o Sul da França. A capital do império, que se estendia gradualmente até as fronteiras ocidentais da China e o Norte da Índia, tornou-se Damasco. Os Omíadas fundaram as instituições legais e sociais, também a indústria recebeu um grande impulso, obras filosóficas eram traduzidas ao árabe. Era sobretudo este esforço dos Omíadas de criar uma cultura avançada que inspirou os povos dos países vizinhos para se interessarem em sociedade muçulmana. Mas mesmo neste período começaram também conflitos entre os sunitas e xiitas. Estes conflitos basearam-se numa questão política. Segundo os sunitas que eram os descendentes diretos de Maomé o título dos califas deveria ser hereditário mas segundo os xiitas os califas deveriam ser escolhidos por eleição.⁹

Em 750 Al-Abbas Al Saffa da dinastia Abássida revoltou-se contra os Omíadas e com o seu exército derrotou-os e tornou-se o primeiro califa da dinastia Abássida. Assim

⁸ <http://www.mundovestibular.com.br/articles/4436/1/A-Alta-Idade-Media/Paacutegina1.html> 20.12.2010

⁹ http://www.islam.org.br/os_omiadas.htm 11.3.2011

começa a terceira fase da divisão territorial em que o poder estava concentrado nas mãos da dinastia abássida. Em 778 os Abássidas apoderaram-se de todo o território do antigo império omíada com a exceção da Península Ibérica. Durante o governo desta dinastia governaram 37 califas e Bagdá tornou-se a nova capital do império e também o centro religioso e cultural. A organização judicial chegou a um nível muito elevado. Neste período foram desenvolvidos os estudos de história, geografia, literatura, medicina, álgebra e trigonometria. O maior ascenso ocorreu sob o governo de Harun el-Rashid. Depois da morte de Rashid o poder foi dado ao seu filho Al-Mamum mas durante o seu reinado o império Abássido, cuja parte era mais tarde também o Califado do Egito e o Califado de Córdoba, perdeu completamente o apoio de muitas fracções. O enfraquecimento do poder dos Abássidas foi aproveitado pelo exército mongol que destruiu Bagdá e em 1258 derrotou a dinastia abássida.¹⁰ Como esta divisão do poder no mundo islâmico não afetou diretamente a Península Ibérica, não vou entrar em detalhes.



Mapa 3: Expansão dos Abássidas¹¹

¹⁰ http://www.islam.org.br/os_abassidas.htm 11.3.2011

¹¹ http://www.islam.org.br/os_abassidas.htm 11.3.2011

2 A penetração dos visigodos na Península Ibérica

É importante termos algum conhecimento do contexto histórico da Península Ibérica, ou seja do reino visigótico existente lá desde em 585. Eram justamente os Visigodos que influenciaram a chegada dos muçulmanos à Península Ibérica. As relações na sociedade no reino visigótico vão servir-nos para a melhor compreensão da tolerância religiosa durante o Império muçulmano na Península.

As tribos dos Visigodos chegaram à Península Ibérica que já tinha sido ocupada pelos outros povos germânicos, Alanos, Vândalos e Suevos. Depois das lutas entre todas estas tribos surgiram dois reinos independentes, o reino dos Suevos e o dos Visigodos.

Os Suevos eram a população pagã, mais tarde convertidos ao cristianismo. Estabeleceram o reino dos Suevos que se estendia do norte da península até ao rio Tejo (o território conhecido sob o nome Lusitânia, actual norte de Portugal e Galiza).

Os Visigodos ou seja os Godos do Ocidente, de origem da Escandinávia chegaram à Península em 416. Eles eram conhecidos como os aliados dos Romanos, chegaram para combaterem as tribos bárbaras na Península e estabelecerem a ordem e as leis neste território.¹²

2.1 O reino visigótico

Em 585 durante o reinado de Leovigildo os Visigodos aproveitaram-se das guerras no reino dos Suevos, ocuparam o território deles e uniram a Monarquia Visigótica. Desde o ano 585 os Visigodos controlaram e dominaram todo o território da Península Ibérica excepto os territórios bascos no norte. Mesmo que o reino dos Visigodos fosse unificado, foi sempre enfraquecido pelos conflitos religiosos entre os Visigodos e os Hispano-romanos. Os Visigodos eram cristãos-arianos e os Hispano-romanos, a população local, eram cristãos católicos. No ano 589 o rei Recaredo, o filho do rei Leovigildo, converteu-se ao Catolicismo que se tornou a religião oficial do reino visigótico. A adopção do Cristianismo terminou os conflitos entre os Visigodos e os Hispano-romanos. O reino visigótico tornou-se o estado cristão maior neste período. Porém, os últimos anos do século VII foram marcados pela crise política. O reino foi instável e muito enfraquecido pelas lutas internas entre a nobreza pela sucessão ao trono

¹² Helena Catarino, A ocupação islâmica

porque a eleição dos reis visigóticos era democrática. Portanto os descendentes de sangue dos reis revoltaram-se. Estas lutas levaram à desintegração do reino cristão já muito fraco e mais tarde ao declínio total do reino visigótico. Posteriormente, mas antes da chegada dos muçulmanos, começou a luta entre as dinastias dos Visigodos que no final enfraqueceu o poder central de tal maneira que foi incapaz de resistir aos ataques de fora.¹³



Mapa 4: Território visigótico depois da sua chegada¹⁴

2.2 Sociedade no reino visigótico de ponto de vista religioso

Como na minha tese ainda vou comparar também judeus e muçulmanos, neste sucapítulo vou explicar as relações entre os cristãos e os judeus. Eram propriamente os judeus que não eram contentes sob o domínio cristão, e por isso ajudaram os muçulmanos a chegar à península.

Na sociedade do reino visigótico dominaram duas grandes religiões monoteístas, a religião judaica e a religião cristã. A situação dos judeus, que formaram a minoria da população da península, piorou quando os Visigodos aceitaram o catolicismo como a única religião do reino. Os Visigodos tentaram unir a sociedade pela religião católica, eles quiseram apagar as diferenças entre os Visigodos, que eram cristãos arianos convertidos ao catolicismo, a população hispano-romana, que era católica, e

¹³ <http://algarvivo.com/arqueo/visigotico/reino-visigodo.html> 2.2.2011

¹⁴ <http://terrasdesantiago.planetaclix.pt/intrhistsantiagosumula02.htm> 2.2.2011

a população dos judeus. Esta tentação, porém, não se encontrou com o entendimento entre os judeus.

2.2.1 A intolerância religiosa

Após 589 os judeus eram a única minoria não católica do reino visigótico. Não podiam viver em cidades com os outros habitantes, só em lugares ou cidades pobres e isolados da população cristã. No mesmo ano no III Concílio de Toledo foi aprovada a lei que permitiu aos judeus para se casarem com as cristãs e ao mesmo tempo ordenou baptizar os filhos destes casamentos entre cristãos e judeus já nascidos. Por esta ordem realmente começaram as conversões forçadas dos judeus ao cristianismo. O mesmo concílio impediu aos judeus de terem os escravos cristãos para evitar as conversões forçadas ao judaísmo porque os judeus circuncidaram forçosamente os escravos cristãos que depois foram automaticamente considerados judeus. Sob o reino de Sisebuto¹⁵ os judeus tiveram que pôr em liberdade os seus escravos cristãos. Se não o tivessem feito a sua propriedade teria sido confiscada. Se um judeu forçou o seu escravo cristão a converter ao judaísmo deveria ser executado.¹⁶

Em 616 os judeus tinham duas possibilidades, converter-se ao cristianismo ou abandonar o reino. No mesmo ano começou também a perseguição dos judeus batizados. Sob o reino do rei Suintila a pressão contra os judeus aliviou porque o seu antecessor Sisebuto foi criticado, por causa das conversões forçadas, da parte do papa Gregoro Magno segundo o que as conversões devessem ser feitas pelo catecismo.¹⁷As relações entre os cristãos e os judeus mudavam-se, dependendo de quem governava.

Quase um século de confrontos e perseguições dos judeus terminou com a chegada dos conquistadores muçulmanos que representaram para os judeus os libertadores da dominação cristã, porque respeitaram os cristãos e judeus como o povo do livro e o povo da escritura e não forçavam ninguém para mudar as crenças religiosas e converter-se ao Islão.

Os judeus não eram única população descontente no reino visigótico. Com a chegada dos Visigodos piorou a situação dos Hispano-romanos, os cristãos autóctones, que já não eram os senhores da Península. Apesar que os Visigodos aceitassem o cristianismo,

¹⁵ Foi um dos reis visigóticos que reinou desde 612 até 621.

¹⁶ <http://www.espanolparati.sk/vizigoti/dejiny/Sisebut.htm> 11.3.2011

¹⁷ http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum17_dos01_feldman.pdf (p.17) 23.2.2011

e tornaram-se Hispano-godos, consideraram os cristãos autóctones inferiores e a sua vida era cheia de miséria, fome e insegurança. Esta insatisfação com a vida sob o domínio dos senhores godos também facilitou a chegada dos tribos árabes.

3 A conquista muçulmana da Europa

Além da insatisfação dos judeus e duma parte dos cristãos, dos conflitos e crises dentro do reino visigótico por causa do direito de sucessão ao trono, os muçulmanos aproveitaram também os conflitos com os Francos e começaram a penetrar na Península Ibérica.

3.1 Penetração dos Árabes

Segundo a lenda, o conde D. Julião, governador de Ceuta, ajudou os conquistadores árabes a se desembarcar em Gibraltar. O conde tinha uma filha muito bonita, ele enviou-a para ser educada na corte do rei Rodrigo, o último rei visigótico, que se apaixonou por ela, sequestrou-a e violou. Por isso o conde Julião quis vingar-se do rei Roderich.¹⁸ No início do século VIII o poder do império árabe foi tão forte que a conquista do reino visigótico não representava para os conquistadores árabes nada difícil. Em 711 milhares de muçulmanos constituídos de várias tribos como Sírios, Árabes, Berberes, Egípcios e Iemenistas chegaram gradualmente à Península Ibérica. Esta invasão era uma das ambições islâmicas e também uma ambição muito grande dos partidários de Ágila II, o rei dos Visigodos no mesmo período como o Rodrigo, que eram os opositores do Rodrigo.¹⁹

No mesmo ano os muçulmanos árabes e berberes da área de Marrocos de hoje usaram uma guerra civil entre os partidários do rei Roderich e o seu opositor o rei Ágila II, filho do rei Vitiza, no Reino de Visigodos para atravessar o Estreito de Gibraltar. O rei Roderich ocupava o sul do reino e a capital Toledo enquanto o seu opositor Ágila II o norte do reino. Os conflitos entre eles foram causados pelo desejo de dominar todo o reino. A posição do rei Roderich piorou quando o comandante árabe Tarique Ibn Ziad desembarcou-se em Gibraltar porque já não era suficiente lutar contra os seus opositores mas era necessário também defender o reino contra os Árabes. Portanto unificou o exército de homens de armas em Córdova para defenderem o reino visigótico perante a invasão dos Berberes. Mais isso não foi suficiente porque posteriormente o comandante Musa reforçou o exército do comandante Tarique com milhares de homens.

¹⁸ http://dicionario.sensagent.com/al+andalus/pt-pt/#A_conquista_territorial 8.2.2011

¹⁹ Também conhecido sob o nome de Roderich

Mas no verão de 711 o rei Roderich foi vencido na Batalha de Guadalete no Sul da Península Ibérica. O exército visigótico foi completamente destruído pelos exércitos de Tarique. Os Visigodos que sobreviveram, fugiram ao Norte da península.

Tarique com o seu exército continuou a conquistar os territórios ao Norte da Península. Os partidários do rei Roderich estavam a tentar defender o seu território, enquanto os partidários do rei Ágila II e Vitiza²⁰ abriram as portas das cidades aos Árabes. O exército muçulmano foi dividido em vários grupos, um seguiu para Córdova, outro para Granada e o último para Málaga. Córdova, Toledo e a área sobre o rio Tejo também caíram aos mãos dos muçulmanos que fundaram a capital do Al-Andalus, o nome da nova província muçulmana formada na Península Ibérica, em Toledo. Depois da tomada da cidade de Toledo os habitantes cristãos, que não fugiram para o Norte da península, e a população dos judeus juntaram-se aos conquistadores muçulmanos e apoiaram-nos.

O comandante Musa com o seu exército passou por um caminho diferente, ele desembarcou-se em Algeciras, depois atacou Sevilha²¹ e Mérida. Sevilha era definitivamente conquistada pelo filho do emir, Abdalaziz que conquistou também Beja, Niebla, Ossonoba (Faro) e Mértola que se tornou o primeiro governador do Al-Andalus. Tarique continuou conquistando Saragoça, Osca, Lérida e Tarragona. Em 714 caí sob o poder muçulmano cidade de Viseu na Lusitânia Central, Portucale, Bracara, Tui, Lugo Lisboa, Santarém e Coimbra. Em 716 quase toda a Hispânia e a Lusitânia excepto Galiza era conquistada pelos árabes e conectada como uma nova província de Al-Andalus ao Império Árabe.

A conquista muçulmana da Península Ibérica durou só 5 anos porque a maioria dos habitantes não resistia. Antes da queda, o reino visigótico foi politicamente, economicamente e socialmente desorganizado²² e a chegada dos novos conquistadores representou um novo futuro para a Península Ibérica. Os Visigodos, apesar de terem gerido o império e a sociedade, eram no nível social mais baixo comparando com os Romanos e a Península Ibérica, que floresceu sob o domínio romano, começou a estagnar. Enquanto os Árabes muçulmanos representaram uma civilização muito avançada, que trouxe novos conhecimentos e desenvolveram o quadro da cultura,

²⁰ Vitiza era um rei bárbaro que foi destronado do trono e substituído pelo rei Roderich.

²¹ Segundo a lenda muçulmana os habitantes de Sevilha fugiram a Beja mas depois voltaram a Sevilha e revoltaram-se.

²² <http://www.webartigos.com/articles/19909/1/EXPANSAO-ARABE-NA-PENINSULA-IBERICA/pagina1.html> 8.2.2011

arquitetura, agricultura e educação, os Visigodos, no último período da sua operação na península, foram mais ocupados pelas lutas internas do que pelo desenvolvimento do país. Muitas invenções do mundo árabe foram trazidas para a Península Ibérica como por exemplo a nora, a picota, a levada, o açude, a tanque, a cisterna e a azenha no quadro da agricultura, a bússola e o astrolábio no quadro da orientação. Há muitas invenções também no quadro da astronomia, matemática, álgebra e da técnica.²³ Além de invenções os Árabes transferiram também a sua experiência própria, sobretudo no quadro da construção dos navios.²⁴

3.2 O avanço dos árabes para o Norte e o início da reconquista

Após a conquista da Península Ibérica, os árabes continuavam a sua conquista sem obstáculos mais ao norte, à Gália. Em 719 o exército árabe atravessou os Pirenéus e atacou Narbonense no Sul da França. Em 721 o emir de Córdova formou um exército para conquistar a Aquitânia e ocuparam a cidade de Toulouse.²⁵ Em 722 os muçulmanos encontraram-se com a revolta dos cristãos liderados pelo comandante visigótico, Pelágio, partidário do Rodrigo. Por primeira vez desde o início da conquista os invasores Árabes foram derrotados pelos cristãos visigóticos na batalha de Covadonga. Esta vitória deu o início à reconquista²⁶ cristã. Os cristãos reconquistaram alguns territórios ocupados pelos muçulmanos e fundaram o primeiro reino cristão situado nas Astúrias que mais tarde tomou nome de reino de Oviedo.

Após a derrota dos francos na Batalha de Toulouse em 721, o Carlos Martel, o prefeito de palácio no reino franco, usou os anos seguintes para formar o melhor exército. Quando em 732 ele tomou o conhecimento do andamento das tropas árabes para a Gália, partiu imediatamente com o seu exército ao Sul. O governador árabe Abd al-Rahman, conhecido também como Abd-al Rahman ou Abdul Rahman, não avaliou a força do exército franco, não examinou os movimentos e as direções do exército do

²³ http://www.libanoshow.com/home/cultura_arabe/iberica.htm 20.3.2011

²⁴ Era sobretudo graças aos conhecimentos e invenções dos árabes que os portugueses se tornaram a potência marítima. Graças aos árabes as nações europeias podiam fazer as descobertas marítimas. Na Idade Média o Império Al-Andalus tornou-se um estado mais avançado da Europa. A sociedade árabe avançada estava em contraste nítido com os reinos cristãos atrasados.

²⁵ Alguns comentaristas dizem que o líder árabe, Abderrahman Ibu Abdillah, atravessou os Pireneus até a França com oitenta mil homens, mas muitos historiadores pensam que este número é exagerado porque é muito difícil alimentar o exército tão grande. <http://www.ahistoria.com.br/batalha-poitiers-ou-tours/>

²⁶ A reconquista ou a conquista cristã era um movimento cristão que tentou recuperar o seu território e as suas terras que foram perdidas durante a invasão dos muçulmanos. O império Al-Andalus era constantemente ameaçado por ataques dos cristãos que viviam nos reinos cristãos no norte da Península.

Carlos Martel. Estes erros causaram a sua morte e o seu exército derrotado retirou-se para Espanha. Esta batalha, que durou entre 2 e 7 dias, foi a última batalha e última tentativa para o aumento do império árabe na Europa medieval. É o Carlos Martel que parou os Árabes e salvou a Europa da penetração dos Árabes e do expansionismo do islamismo em outras partes da Europa.

Em 732, após a derrota na Batalha de Poitiers, também conhecida como a Batalha de Tours, os Árabes tentaram atacar alguns territórios no Sul da França mas sem sucesso, portanto prestaram maior atenção a fortalecer as suas posições no território conquistado na Península Ibérica. No âmbito de tentar fortalecer as suas posições na Península Ibérica, concentraram-se na divisão do território em unidades territoriais das quais nasceu o emirado de Córdova e mais tarde o califado de Córdova.²⁷



Mapa 5: Avanço dos muçulmanos para o Norte²⁸

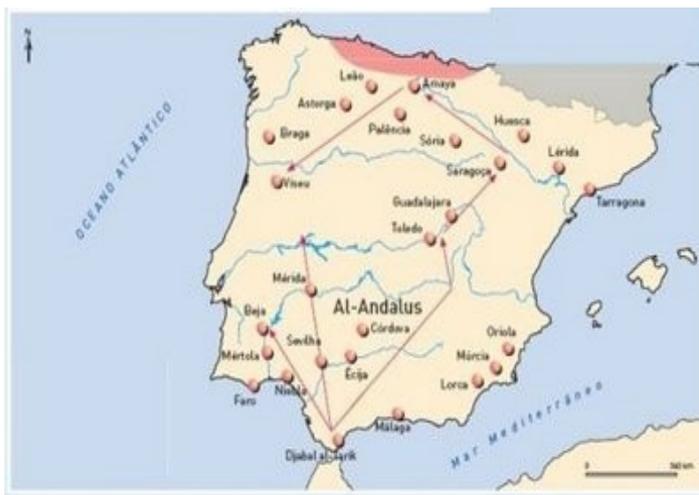
²⁷ <http://www.ahistoria.com.br/batalha-poitiers-ou-tours/> 4.2.2011

²⁸ <http://terrasdesantiago.planetaclix.pt/intrhistsantiagosumula03.htm> 15.1.2010

4 A Península Ibérica sob o domínio árabe

Depois da derrota pelo exército franco, os Árabes começaram a reforçar as suas posições e a gerir o território já conquistado, e começaram pela reorganização administrativa. O nome que foi dado à nova província do império árabe foi Al-Andalus. Na verdade este nome corresponde ao território da Espanha actual. A parte mais ocidental do Al-Andalus, que faz parte da área de Portugal actual, tomou nome de Al-Gharb al-Andalus ou o Gharb al-Andalus. Como toda a vida social e cultural estava concentrada na parte mais oriental do Al-Andalus, Al-Gharb al-Andalus foi considerada a região marginal do território árabe na Península Ibérica.

O território do Gharb al-Andalus estava situado entre o rio Douro e o rio Guadiana. O primeiro contacto dos Árabes com a Lusitânia foi provavelmente entre 711 e 712 no território da Beira Interior quando os exércitos de Tarique rumaram para a cidade de Toledo. Enquanto o governador Tarique se concentrava na conquista do território da actual Espanha, Muça Ibn Nusair conquistou o Al-Andalus Ocidental e também o Sul da Lusitânia. Abdalaziz conquistou o Algarve e o Baixo Alentejo e em 714 tomou Évora, Santarém, Coimbra assim como a cidade de Lisboa. Depois os exércitos árabes continuaram para o Norte da Península Ibérica e conquistaram os castelos de Viseu e Lugo.



Mapa 6: Conquista muçulmana da Península Ibérica²⁹

²⁹ <http://mapasdeontem.blogspot.com/2009/05/mapas-conquista-muculmana-da-peninsula.html> 20.4.2011

Poucos anos após a chegada dos muçulmanos o território de Al-Andalus foi conectado à província norte-africana do império omíada. A área de Al-Andalus passou por 3 estatutos administrativos diferentes. Entre os anos de 756 a 929 Al-Andalus foi o Emirado, entre 929 e 1031 o Califado e em 1031, após o declínio do Califado, nasceram muitos reinos muçulmanos nomeados taifas.

4.1 Emirado de Córdoba 756-929

O Emirado representa a primeira unidade administrativa em que a península foi dividida. Podemos dividir o Emirado de Córdoba em duas épocas históricas. No período desde 713 até 755 falamos sobre o Emirado Dependente de Damasco. No segundo período entre 756 e 912 podemos falar sobre o Emirado Independente que representa uma fase de transição entre o Emirado e Califado.

O Emirado Dependente de Damasco foi fundado pela dinastia omíada dois anos depois da penetração das primeiras tribos árabes na Península. O território da Península, que fazia parte de uma província da África muçulmana, foi governado e administrado por governadores que se tornaram emires e eram dependentes do Califado de Damasco. No entanto, após os primeiros anos da conquista, começaram as lutas entre os conquistadores o que enfraqueceu a dinastia omíada. Esta ruptura dentro da dinastia abriu a porta para a dinastia abássida.

Depois da queda da dinastia dos Omíadas em 750 (ver capítulo 2) o poder no mundo islâmico foi tomado pela dinastia Abássida e últimos descendentes omíadas foram empurrados na Península Ibérica onde o único membro sobrevivente da dinastia omíada, Abd-al-Rahman I, proclamou-se emir. Em 756 declarou a independência do Emirado de Córdoba do Califado dos Abássidas e fundou o Emirado Independente de Damasco. Como o Emirado Independente nasceu depois da queda da dinastia omíada em Damasco, a reacção do Califado de Damasco ao surgimento do Emirado Independente não foi negativa, porque os Abássidas, que sempre lutaram contra os Omíadas, substituíram a dinastia dos Omíadas, já dominavam todo o império muçulmano excepto a pequena parte da Península Ibérica.

A cidade de Córdoba era nesse tempo um centro cultural mais importante do Al-Andalus, Abd-ar-Rahman I construiu uma mesquita em Córdoba e manteve contactos amigáveis com o Império Bizantino. O seu sucessor Abd-ar-Rahman II construiu

palácios e jardins para enriquecer Córdova, mas por causa destes enriquecimentos piorou o nível da vida dos habitantes que tiveram que pagar impostos mais altos. Isto provocou a revolta contra o Emirado por parte da população peninsular. A esta revolta uniu-se também a revolta das tribos árabes e berberes contra o poder central que causou a mudança do Emirado de Córdova para Califado.³⁰

4.2 Califado de Córdova 929-1031

Em comparação com o Emirado, que era só uma província do império muçulmano, o Califado recebeu o estatuto oficial de estado e fazia uma parte equivalente do império muçulmano. Graças a este fato recebeu o apoio em todas as direcções da capital actual do império.

No ano 929 Abd-al-Rahman III, guardião da ortodoxia sunita,³¹ proclamou-se califa. Este título garantiu a independência política e religiosa do poder dos Abássidas. Durante este período começou uma nova onda de agressão contra os reinos cristãos. Em 997 o santuário de Santiago de Compostela foi destruído pelos partidários do califa Almançor. Sob o seu governo o domínio do Al-Andalus foi estabelecido na parte ocidental do Magrebe,³² através do vice-reino de Córdova. Dentro do Emirado e do Califado houve sempre lutas internas e agitações entre os Árabes, Berberes, muladis, e moçarábés a que vou me dedicar no capítulo seguinte. A instabilidade e a anarquia provocada pela ambição de vários protagonistas que pretenderam o trono marcaram o fim do Califado. O califado de Córdova acabou em 1031 pelo derrocamento do último califa Hisham III.

O maior florescimento do Califado foi refletido na centralização fiscal que geria os rendimentos no país. A indústria, o artesanato e as técnicas agrícolas foram muito desenvolvidas neste período. No século X a cidade de Córdova era um dos maiores centros financeiros, comerciais e culturais no mundo. O califa Abd-al-Rahman III fundou universidades e escolas de tradução. É preciso notar que o califado foi um período de enorme prosperidade da civilização islâmica na Península Ibérica.

³⁰ [http://www.infopedia.pt/\\$emirado-de-cordova](http://www.infopedia.pt/$emirado-de-cordova) 17.3.2011

³¹ Depois da morte do Abú Bakr, o primeiro califa, que foi assassinado, ocorreu uma crise porque os muçulmanos tiveram que escolher o novo sucessor. A parte dos muçulmanos consideraram como um sucessor do califa Alí ibn Talib e os seus descendentes e recusaram a dinastia dos Omíadas. Estes muçulmanos são chamados xiitas. Os adversários dos xiitas, adeptos da dinastia Omíada, são conhecidos sob o nome dos a cimeira e adoptaram Sunna-a mensagem do profeta. O desacordo entre eles persiste até hoje.

³² Uma região africana que abrange Marrocos, Sahara Ocidental, Argélia, Tunísia, Mauritânia e Líbia.



Mapa 7: Califado de Córdoba³³

4.3 O período dos primeiros reinos de taifas 1031-1090

Depois dos conflitos entre as dinastias no califado de Córdoba, foi proclamada a República de Córdoba e nasceram as taifas que eram unidades políticas independentes de origem étnica. As províncias que ainda não eram independentes proclamaram-se independentes. As taifas foram governadas pelos Árabes e Berberes. Todas as taifas eram identificadas pela dinastia governante, assim foi conhecida por exemplo a taifa dos amirida (descendentes de Almançor) em Valência, a dos Ziridas em Granada, a dos Abádidas em Sevilha. As taifas de Sevilha, Badajoz, Toledo e Saragoça eram as taifas islâmicas mais extensas peninsulares.

Apesar do fato que os reinos islâmicos eram unidades menores que os califados e o poder político estava bem concentrado, problemas foram provocados pelas disputas dos reis de várias dinastias que estavam sempre lutando entre si. Gradualmente as taifas foram enfraquecidas pelas lutas mútuas e não puderam resistir aos ataques dos cristãos do Norte da península. Durante este período já não podemos falar sobre a unidade política e administrativa na Península Ibérica sob o domínio árabe. Os cristãos

³³<http://www.google.com.br/search?tbm=isch&hl=pt-br&source=hp&biw=1366&bih=549&q=mapas+da+reconquista+crista+da+Peninsula+Iberica&gbv=2&aq=f&aqi=&aql=&oq=> 20.4.2011

4.4 Período almorávida 1090-1145

Antes da conquista de Toledo o rei abádida da taifa de Sevilha pediu ajuda ao emir Yusuf Ben Tashfin, o emir da dinastia almorávida, dinastia berbere que governava no Norte da África.³⁵ Em 1086 os Almorávidas liderados pelo Yusuf bateram os cristãos e o rei leonês na batalha de Zalaca. Dentro de poucos anos os Almorávidas conquistaram progressivamente todas as taifas. Entre 1090 e 1110 o Al-Andalus foi anexado ao império almorávida no Norte da África. Porém, já em 1118 o rei de Aragão Afonso I e o rei Afonso VII de Castela atacaram os territórios almorávidas e tomaram Saragoça. Como de costume na Península Ibérica, as contradições internas e as disputas de poder causaram no ano 1145 o declínio rápido do poder almorávida no Al-Andalus. Outro período nomeado segundos reinos de taifas seguiu. No entanto, só durou 2 anos. Entre os anos 1147 e 1190 a grande parte do território foi tomada pelos reis portugueses que conquistaram muitas taifas muçulmanas. Isso encontrou-se com a resistência da parte dos muçulmanos que resultou na chegada dos Almóadas.

4.5 Período almóada 1175-1231

Quando acabou o governo dos Almorávidas nasceram os reinos independentes novamente dos quais se destacam os de Córdova e Málaga. As taifas muçulmanas lutando entre si e também contra os cristãos pediram ajuda aos almóadas, os sucessores da dinastia almorávida, que pela conquista do Norte da África substituíram os Almorávidas.³⁶

Após a falha da dinastia almorávida, os Almóadas conquistaram o Norte da África até o Egito. O objetivo principal desta dinastia que ocupou grande parte do Al-Andalus era consolidar os estados muçulmanos na Península Ibérica e lutar contra os cristãos para evitar a Reconquista cristã. Em 1175 o primeiro califa almóada al-Mu'min com o seu

³⁵ Dinastia berbere que governava no Norte da África. Esta dinastia converteu ao Islã no século IX. O início dos almorávidas foi no tribo de Lamtuna (uma tribo dos berberes que viviam entre o sul de Marrocos e a costa do rio Senegal). No início do século XI o predicador Abd Allah ben Yasin al-Jazuli apresentou uma forma do Islã rigorista. Depois da rejeição desta forma do Islã pelos berberes, Yasin com alguns partidários fugiram a um mosteiro militar situado perto da costa da Mauritânia. Depois da morte do Yasin, Yusuf ibn/ben Tashfin tornou-se o novo líder e também o fundador da dinastia almorávida. Yusuf conquistou os territórios de actual Marrocos e a Argélia, a cidade de Fez e fundou a cidade Marraquexe. O nome de Almorávidas tem o seu origem na palavra árabe al-murabit que significa guarda de fronteira.

³⁶ Os Almóadas substituíram a dinastia dos almorávidas no Norte da África. Muhammad Ibn Tumart iniciou uma forma religiosa que correspondia a um retorno ao Islã mais puro. Após a sua morte Abd al-Mu'min tornou-se novo líder e também primeiro califa almóada.

exército conquistou o Al-Andalus. O único território que ele não conseguiu conquistar foram as ilhas Baleares que foram ocupadas pelos descendentes do último governador almorávida.³⁷

Porém, nem o governo dos Almóadas tinha a longa duração na Península Ibérica. Em 1212 na Batalha de Navas de Tolosa o exército português constituído por partidários dos reinos de Leão, Castela, Aragão e Navarra combateu os Almóadas. Em 1228 no Al-Andalus ocorreram muitas revoltas contra os almóadas da parte de povo peninsular mas também da parte dos muçulmanos peninsulares. Depois destas revoltas o Al-Andalus entra no período dos terceiros reinos de taifas que foi muito breve. O terceiro período das taifas era a última tentativa das dinastias muçulmanas dominar a Península mas sem sucesso porque os reinos cristãos aproveitaram-se da instabilidade das taifas e continuaram conquistando centros importantes como por exemplo Córdova (1236), Sevilha (1248). Já em 1249 o Afonso III conquistou o Algarve (Al-Gharb) dando cabo do domínio árabe em Portugal.³⁸

Estas duas dinastias berberes marcaram o fim do domínio muçulmano na Península Ibérica. Apesar do fato que eram os muçulmanos que convidaram os Almorávidas e mais tarde os Almóadas, os muçulmanos não gostavam do seu acesso à população peninsular porque estas dinastias representaram a forma mais radical do Islão. Os Almorávidas e Almóadas já não respeitaram outras crenças religiosas, espalharam o Islão a ferro e fogo, e assim começaram as guerras santas que levaram às perturbações entre a sociedade e posteriormente às revoltas do povo adicionado ao lado dos cristãos que reconquistaram o território.

³⁷ <http://dicionario.sensagent.com/almoadas/pt> 5.2.2011

³⁸ http://www.libanoshow.com/home/cultura_arabe/dinastia.htm 5.2.2011



Mapa 9: Avanço dos cristãos no início da reconquista³⁹



Mapa 10: Reconquista cristã no século XII⁴⁰

³⁹ <http://www.google.com.br/search?tbm=isch&hl=pt-br&source=hp&biw=1366&bih=549&q=mapas+da+reconquista+crista+da+Peninsula+Iberica&gbv=2&aq=f&aqi=&aql=&oq=20.4.2011>

⁴⁰ <http://www.google.com.br/search?tbm=isch&hl=pt-br&source=hp&biw=1366&bih=549&q=mapas+da+reconquista+crista+da+Peninsula+Iberica&gbv=2&aq=f&aqi=&aql=&oq=20.4.2011>

5 Sociedade no Al-Andalus, e a sua convivência religiosa

A convivência religiosa entre os cristãos, judeus e muçulmanos na Península Ibérica não era negativa como pode parecer à primeira vista por causa das religiões tão diferentes. Ocorria o contrário, os adeptos destas religiões coexistiram em cessar de fogo. O paradoxo é que muitas vezes os conflitos ocorreram entre as fracções da mesma religião.

Já no tempo dos Visigodos a península era habitada por cristãos e judeus (ver capítulo 2). Depois da conquista árabe a população tornou-se ainda mais diversificada porque foi adicionada uma nova religião, o Islão.

No século IX, um século depois do início da conquista, o Al-Andalus era habitado pelos Árabes, Berberes e muitas outras tribos muçulmanas e pelos Hispano-romanos e Hispano-godos. Não podemos esquecer os judeus que eram a minoria da sociedade peninsular. Apesar de que a religião tenha sido o factor muito importante para os muçulmanos que dominaram Al-Andalus, este fato não causou nenhuma dificuldade entre os árabes muçulmanos e os das outras crenças religiosas. Os muçulmanos respeitaram outras religiões.⁴¹

Assim deparamos com a coexistência de três religiões diferentes, cristianismo, judaísmo e Islão, e também com coexistência de três comunidades culturalmente diferentes.

5.1 Cristãos

Apesar de representarem uma só religião, os cristãos não representaram uma comunidade unificada.

Havia muitas diferenças entre os cristãos que viviam na Península Ibérica sob o domínio árabe. Podemos dividi-los em três categorias diferentes segundo o grau da infiltração na comunidade dos conquistadores.

A primeira categoria inclui os cristãos que rejeitaram tudo que era árabe, a língua árabe, a cultura árabe e a religião árabe, fugiram para o Norte da Península onde mais tarde surgiram os reinos cristãos. Estes cristãos eram principais adversários dos árabes e principais iniciadores da reconquista cristã.

⁴¹ Alexandre Herculano, História de Portugal. Desde o começo da monarquia até o fim do reinado de Afonso III.

A segunda categoria inclui os cristãos que aceitaram a língua e a cultura árabe mas conservaram a sua crença cristã. Falamos sobre os cristãos ou os visigodos arabizados que tomaram o nome de moçarábés (do árabe must'arab- 'que se tornou árabe').

A última categoria inclui os cristãos que aceitaram também a religião dos muçulmanos e tomaram o nome de muladis.

5.1.1 Moçarábés

Durante o longo tempo da dominação árabe os cristãos arabizados que viviam no Al-Andaluz e no Gharb al-Andalus sob o governo muçulmano puderam observar os seus hábitos e costumes. Eles foram arabizados porque adoptaram a língua e a cultura dos seus conquistadores árabes mas não se converteram a religião muçulmana. Mas não podemos dizer que todos os moçarábés adoptaram a língua árabe porque muitos se não a maioria deles continuavam a usar a sua língua chamada romance.⁴² Não houve opressão contra os moçarábés. Eles tiveram os seus direitos e obrigações. Estes visigodos arabizados tiveram que pagar os tributos aos árabes para conservarem os seus costumes e a sua crença religiosa.⁴³

Os moçarábés estavam contentes com a vida sob o governo árabe apesar de terem que lhes pagar os impostos, porque estes impostos eram mais amenos do que os impostos no reino visigótico. Além destes tributos, os moçarábés não podiam ocupar cargos públicos, foi proibido de se casarem com mulheres muçulmanas, não podiam viver nas cidades, só em bairros que foram separados das cidades pelas muralhas mas nesses bairros os moçarábés podiam observar as suas leis e hábitos. Para serem representados perante a autoridade islâmica eles escolhiam um juiz que era eleito entre eles.⁴⁴

A convivência religiosa entre os conquistadores e os moçarábés era muito harmoniosa e pacífica, mesmo muitas vezes congregaram juntos na mesma igreja.⁴⁵ Esta relação foi causada sobretudo pelo fato que os árabes não conquistaram pelo fogo e pela espada mas pelo convívio.⁴⁶

⁴² Um dialecto românico com grande influência árabe.

⁴³ <http://terrasdesantiago.planetaclix.pt/intrhistsantiagosumula03.htm> 31.10.2010

⁴⁴ Luís Manuel de Araújo, História de Portugal, Volume 1, Origens -1245

⁴⁵ Como exmplo podemos mencionar a igreja em Ossónoba (Faro) que era ao mesmo tempo uma catedral e uma mesquita.

⁴⁶ <http://www.webartigos.com/articles/19909/1/EXPANSAO-ARABE-NA-PENINSULA-IBERICA/pagina1.html#ixzz1EbuwV4IR> 2.2.2011

Um bom exemplo da tolerância religiosa entre os moçárabes e os conquistadores árabes é o Culto de São Vicente. Os Árabes que adoravam Alá como único Deus deixaram os moçárabes adorar este culto.⁴⁷

O culto de São Vicente era um culto religioso que foi difundido e generalizado entre os moçárabes especialmente no território do actual Algarve. Este culto tem a sua origem em Valência e tinha uma importância muito grande durante o período da islamização da Península Ibérica porque ajudou a manter o cristianismo.⁴⁸

5.1.2 Muladis

Apesar do fato que não há informações que explicam porque alguns cristãos tornaram-se moçárabes e alguns muladis podemos deduzi-lo da posição dos cristãos no reino visigótico. Os Visigodos que aceitaram o cristianismo e lideraram o reino passaram a ser moçárabes porque não tinham nenhuma razão para a conversão à religião dos conquistadores. Enquanto é provável que a maioria dos cristãos autóctones chamados Hispano-romanos se tenham convertido ao Islão e se tenham tornado muladis por causa da sua situação ruim no reino dos Visigodos (ver capítulo 2).

Então podemos dizer que os muladis (do Árabe muwallids ou "recém-nascidos") eram representados principalmente por Hispano-godos (Visigodos) e Hispano-romanos, que quiseram melhorar o seu estatuto social e ter os mesmos direitos como os muçulmanos, que quiseram ser arabizados, e que abraçavam a língua e cultura árabe mas também a religião muçulmana. Os muladis foram integrados muito rapidamente e facilmente na sociedade dos seus conquistadores.⁴⁹

Esses antigos cristãos pagavam o imposto, zekat, como os muçulmanos. Eles puderam viver nas cidades com os muçulmanos. Apesar de que os muladis se tenham convertido ao Islão, os conquistadores árabes não fossem muito tolerantes contra eles e tratavam-nos como os muçulmanos da segunda categoria. Isso levou às perturbações permanentes entre os muçulmanos e muladis. Não era suficiente adorar a mesma fê porque o fato

⁴⁷ Este culto manteve-se até hoje e o São Vicente é o santo mais valioso em Portugal.

⁴⁸ Segundo a lenda o corpo de São Vicente foi trazido pelos cristãos de Valência pelo mar até ao Cabo de São Vicente, no Algarve, onde foi constuída uma pequena capela com as suas relíquias. Este lugar começou a ser o destino de muitíssimas peregrinações de todo Al-Andaluz. A cidade de Faro tinha como a lembrança neste evento uma igreja que foi dedicada a São Vicente

<http://acultura.no.sapo.pt/indexFatima.html> 6.11. 2010

⁴⁹ <http://www.aventar.eu/2010/06/06/a-revolta-dos-muladis-de-xantamarya-al-gharb/> 6.11.2010

decisivo era a etnicidade. Era por causa de origem diferente que os muçulmanos foram sempre superiores em relação aos muladis.⁵⁰

A situação social dos muladis é um pouco paradoxal em comparação com a dos moçárabes que continuaram a manter a sua crença religiosa porque apesar da conversão ao Islão os muladis tiveram mais conflitos com os muçulmanos do que com os moçárabes.

5.2 Judeus

A situação dos judeus era melhor sob o domínio muçulmano do que no reino dos Visigodos (ver capítulo 2) mas ao mesmo tempo pior que esperavam porque os judeus tinham apoiado as forças invasoras contra os cristãos, e por isso, esperavam certas vantagens em estatuto social.

Desde o advento do cristianismo à Península Ibérica os Romanos e posteriormente também os Visigodos aprovaram muitas leis discriminatórias contra os judeus que viveram no mesmo território (ver capítulo 2). No tempo dos Visigodos só a religião cristã foi única religião reconhecida na Península. O ano 711, quando as conquistadores árabes entraram no território da Península Ibérica, marcou o fim da perseguição dos judeus. Os judeus começaram a se converter de volta para a sua fé.

Os judeus consideravam os Árabes como os seus libertadores, e esperavam a melhor situação e a posição mais aceitável na sociedade do que a durante o domínio visigótico. A situação dos judeus sob o domínio dos conquistadores árabes foi muito semelhante à situação dos moçárabes. Eles também puderam continuar a observar os seus hábitos e os seus direitos mas por liberdade de culto tinham que pagar um imposto, gízia. Bem como os moçárabes, os judeus puderam escolher os representantes que os representavam perante a autoridade árabe.⁵¹

Durante o tempo do Califado de Córdoba a religião, cultura e a economia judaica floresceram, dedicaram-se sobretudo às ciências, à indústria e ao comércio. Este período chama-se Idade de Ouro para a população judaica. Os judeus no Al-Andalus tinham neste período a melhor situação de todos os judeus na Europa, por isso muitos deles emigraram para o Al-Andalus.

⁵⁰ Charles Julian Bishko, *The Spanish and Portuguese Reconquest, 1095–1492*

⁵¹ Bernard Lewis, *Os Árabes na História*

Após o término do Califado o estatuto dos judeus na sociedade tornou-se muito complicado. Em 1066 a maior parte dos judeus, que viveu em Granada, foi massacrada. Com a chegada dos Almorávidas e Almóadas, das tribos muçulmanas mais puritanas, a situação dos judeus começou a piorar-se. Tiveram que se converter ao Islão, se o recusaram, foram vendidos como escravos e as suas propriedades foram confiscadas e as sinagogas judaicas eram demolidas. Este período marcou o fim da Idade de Ouro.

Muitos judeus fugiram para a cidade de Toledo, que já era nas mãos dos cristãos, onde eram recebidos amigavelmente. Este fato contribuiu para o fortalecimento dos exércitos cristãos porque os judeus apoiaram as forças cristãs e adicionaram-se ao lado da reconquista.

5.3 Muçulmanos

Outro componente da sociedade eram os próprios conquistadores. Apesar de que todos os conquistadores muçulmanos adorassem a mesma fé, a composição cultural e étnica não era clara nem neste caso. Quanto à relação dos muçulmanos com a sua religião, podemos dividi-los em duas categorias. O primeiro grupo dos conquistadores foi composto dos Árabes e Berberes que estavam tolerantes em relação aos povos indígenas da península. O segundo grupo compreende os Almorávidas e Almóadas que representaram os seguidores do islamismo de forma mais radical.

5.3.1 Árabes

Os Árabes (ver subcapítulo 1.3) eram os conquistadores originais, ou seja, os conquistadores da primeira onda que chegaram à Península Ibérica. Viveram lá por mais tempo, portanto acreditavam que a sua posição na península era a mais estável.

5.3.2 Berberes

Os Berberes eram os povos povoadores mais antigos da África. Viviam principalmente no território do actual Marrocos e Argélia. Durante a conquista muçulmana da África a grande maioria dos Berberes converteu-se ao islamismo. Este povo era a primeira tribo muçulmana que chegou à Península Ibérica liderada por Tarique, governador berbere.

Do início da conquista podemos falar sobre a rivalidade entre os Árabes e os Berberes. Apesar de que os árabes conquistassem todo o território desde a Arábia até o norte africano, não eram a primeira tribo que chegou à Península Ibérica. Os Berberes são

considerados como os verdadeiros conquistadores da Península Ibérica. Os Árabes aproveitaram-se do momento quando os Berberes estavam conquistando o norte da península e estabeleceram-se nas cidades e nas terras férteis no Alentejo e no Algarve enquanto os berberes não tinham nenhuma escolha, só se estabelecer no território muito pobre e instável no Norte de actual Portugal. Segundo o livro História de Portugal de Jan Klíma por causa do clima áspero, montanhas e florestas tão diferentes do deserto africano e por causa da paisagem acidentada, o extremo noroeste da Península Ibérica foi pouco atraente para os Árabes. É por isso que esta parte da zona era ocupada pela população berbere, mas não voluntariamente.

A superioridade árabe contra os Berberes consiste no fato que os árabes conquistaram vastos territórios e eram a classe dominante na Península Ibérica. Berberes eram só uma das muitas tribos que abraçaram o Islão. Era sobretudo por causa dos desacordos entre estas tribos muçulmanas pelas quais surgiram muitas lutas internas na Península Ibérica. Os conquistadores árabes usaram os Berberes para conquistar os territórios não interessantes para eles e depois não se ocuparam mais deles.

Em 741 os Berberes estabelecidos na Península Ibérica, especialmente na Galiza e no actual norte de Portugal revoltaram-se contra o poder muçulmano porque estavam em desvantagem em comparação com os árabes muçulmanos, lutaram por melhores condições. Apesar do fato que os berberes foram apoiados pelas tropas sírias, foram derrotados pelos árabes e uma parte deles regressou ao Norte da África.

As desordens internas terminaram com a chegada da dinastia Omíada e com a fundação do Emirado Independente que estabeleceu a ordem na península. O poder central era tão forte que não tolerava inquietações entre as tribos muçulmanas e unificou as tribos alienantes dos Árabes e Berberes. Mas após a queda desta dinastia o que seguiu foi a anarquia islâmica.⁵²

5.3.3 Almorávidas e Almóadas

Com a chegada dos Almorávidas a situação dos cristãos moçárabes peninsulares piorou. Os Almorávidas eram muçulmanos radicais e quiseram dar a renovação ao Islão levando à prática a guerra santa. Isso significou menor tolerância em relação ao cristianismo. Os cristãos perderam os seus antigos privilégios como por exemplo

⁵² Joel Serrão,- A. H. de Oliveira Marques, Portugal, das Invasões Germânicas à «Reconquista»

a liberdade de culto. Muitas igrejas cristãs foram demolidas. Apesar de que nas cidades do Gharb al-Andalus ocorressem as revoltas contra a autoridade dos almóadas, os cristãos, em resposta a esta intolerância, fugiram para os reinos cristãos.

Quando o poder foi tomado pelos Almóadas as minorias religiosas não tinham nenhuns direitos, para salvar a vida tiveram que converter ao islamismo. Muitos cristãos, mas judeus também, fugiram aos reinos cristãos onde encontraram mais tolerância. O que é interessante é o fato que alguns muçulmanos não gostaram da presença e o comportamento dos Almóadas e junto com a população peninsular começaram a liderar as revoltas contra eles. Esta época é designada como um período mais cruel para os cristãos na Península Ibérica.⁵³

O período destes muçulmanos radicais não podemos chamar como o período da convivência ou coexistência, só como o período da intolerância religiosa sangrenta.

5.4 Primeira fase da convivência- Tolerância religiosa

Como acabamos de ver, a sociedade era bastante estratificada e as relações entre diferentes fracções eram complicadas e diferiram de época em época. No início, ou seja na primeira fase da convivência podemos falar sobre a tolerância religiosa. Este período, que não durou muito tempo, começou pela chegada dos primeiros conquistadores árabes. O segundo período da convivência, que durou mais longo, é caracterizado pela formação das alianças temporárias entre os componentes da sociedade peninsular. Estas alianças, religiosamente mistas, lutavam contra outras alianças para ganharem novos territórios na península ou para defenderem os seus territórios das invasões das alianças inimigas. A última fase apresenta o período da reconquista quando as lutas eram motivadas sobretudo pela intenção dos cristãos de conquistar dos territórios perdidos.

Na primeira época, os Árabes consolidaram o poder na Península Ibérica. É claro que a sua intenção principal não era saquear os povos indígenas, o objectivo dos invasores árabes era principalmente económico porque a Península Ibérica significava a única possibilidade de entrar na Europa. A religião estava sempre em segundo lugar porque é obvio que impor as novas crença religiosas aos povos teria causado o obstáculo ao

⁵³ <http://explorethemed.com/ReconquistaPt.asp?c=1> 25.2.2011

desenvolvimento e os árabes eram conscientes disso e por isso toleraram as religiões e a cultura dos peninsulares.

Os adeptos de todas as religiões tinham que pagar os impostos, então é importante de notar que esta tolerância não era tão generosa porque esses impostos pagos eram os impostos da tolerância. Esta era a principal razão por que alguns cristãos que eram desfavorecidos converteram à religião dos seus conquistadores. O fato decisivo já não era a questão religiosa mas a da posição na sociedade. Segundo a história sobre o conde Julião e o rei Vitiza (ver subcapítulo 3.1), podemos dizer que no início da conquista a atitude dos habitantes contra os árabes não era negativa porque os árabes representavam alguma protecção para os habitantes peninsulares contra as perturbações internas da parte dos visigodos que não toleravam os judeus e os Hispano-romanos. Mas não toda a ocupação muçulmana foi tão pacífica. Às vezes os conquistadores árabes tinham que impor a força.

5.5 Segunda fase da convivência- Alianças temporárias entre os componentes da sociedade

Este período data-se desde o ano 722 quando ocorreu a Batalha de Covadonga, que é considerada a fase inicial da reconquista. Esta fase é caracterizada pela formação dos reinos cristãos e no mesmo tempo pelas lutas, sem o aspecto religioso, entre as fracções por território. Esta fase durou até 1212 quando começou a fase principal da reconquista. É importante notar que o Islão respeitou as outras crenças religiosas, respeitou todo o povo do livro sagrado. Está errado considerar que as relações dentro da sociedade eram influenciadas pela religião. Enquanto a religião era um fator decisivo no reino visigótico, quando todos os não-cristãos eram perseguidos, durante a ocupação muçulmana foi ao contrário, a principal razão da instabilidade eram os desacordos internos entre as tribos que quiseram dominar o território do Al-Andalus.

Muitas vezes havia conflitos e lutas entre os muçulmanos, ou seja os seguidores da dinastia omíada e os da abássida, ou por exemplo o conflito já mencionado dos muladis contra os muçulmanos. Quando aos moçarábes, muitas vezes apoiaram os exércitos berberes contra os muçulmanos. Último grupo da sociedade, os judeus, cuja posição na sociedade era favorável, estabeleciam as alianças com todos os componentes da sociedade, mas sobretudo com os muçulmanos contra os cristãos no início da conquista.

No período da reconquista e do avanço cristão os judeus junto com os muçulmanos apoiaram os cristãos na luta contra os Almorávidas e Almóadas.

Porém, apesar da tolerância mútua, a convivência dos árabes e cristãos nem sempre foi fácil e cheia de tolerância. Havia disputas e confrontos entre diferentes grupos que surgiram por causa de diferentes interesses quanto ao território conquistado. A população era tão mista que muitas vezes lutaram os cristãos ao lado dos muçulmanos e o contrário, por exemplo os muçulmanos lutaram contra os muçulmanos.

Esta época pode ser dividida em dois períodos. O primeiro período foi o período das lutas da cada fracção contra cada fracção.

Isso foi confirmado por exemplo pelo confronto entre os cristãos e os muçulmanos em 763. Este conflito não aconteceu por causa da religião diferente senão por causa dos conflitos entre a dinastia Omíada e a Abássida que estavam sempre presentes. Neste ano os yahsubitas pró-abássidas, que eram uma tribo muçulmana dominante no território entre o rio Tejo até ao sul do Gharb al-Andalus, revoltaram-se em Beja e nas outras regiões do Gharb contra a dinastia omíada. Os moçrâbes apoiaram em grande esta revolta mas não era por causa do ódio contra os Omíadas mas por causa da solidariedade porque viviam na mesma área que os yahsubitas. No mesmo ano o emir omíada, Abd al-Rahman I, atacou os cristãos de Beja, Santarém, Évora e Lisboa porque apoiaram a revolta yashubita contra a dinastia omíada. No ano 772 as revoltas yashubitas contra o poder de Córdova continuaram. Neste caso podemos ver que os portugueses uniram-se contra um inimigo comum, assim começou a formar o aspecto nacional da nação futura da Península Ibérica.

O segundo período caracteriza-se como um período das alianças imprevisíveis, trata-se sobretudo das alianças motivadas nacionalmente, não religiosamente. Estas alianças foram compostas por representantes de todas as religiões. Os que habitavam o território de Portugal de hoje, lutavam contra os que habitavam o território espanhol, como um exemplo podemos mencionar a ocupação da cidade portuguesa de Badajoz por um exército espanhol ou a ocupação da cidade espanhola de Santiago de Compostela pelos portugueses.

Podemos constatar que as alianças temporárias surgidas no Al-Andalus eram sempre mistas de ponto de vista da religião. Normalmente não havia alianças de só um grupo

religioso que lutava contra outro grupo religioso ou seja a religião não era o fator decisivo nas lutas entre diferentes fracções. A motivação para as lutas foi geralmente nacional ou territorial.

5.6 Terceira fase da convivência- Reconquista

O período da reconquista cristã apresenta a última fase da convivência religiosa na Península Ibérica.

Considero útil comparar a coexistência da sociedade em diferentes fases da reconquista. O período de Califado de Córdoba é conhecido como o período mais tolerante durante a presença muçulmana na Península Ibérica. Embora os muçulmanos tivessem divergências entre si, conseguiram restaurar ordem na sociedade peninsular. Após o declínio do Califado e a queda da dinastia omíada surgiram reinos de taifas independentes que eram administrados por várias dinastias muçulmanas. Isso resultou na deterioração das relações na sociedade, especialmente entre os muçulmanos que lutavam entre si para dominar a área maior possível. Por isso os muçulmanos perderam o poder e estabilidade na península, de que se aproveitaram os cristãos.

Os cristãos começaram pouco a pouco a penetrar ao Sul da Península. O declínio do califado de Córdoba acelerou o avanço dos exércitos cristãos porque era muito mais fácil conquistar as pequenas taifas independentes que não eram controladas pelo poder central e ao mesmo tempo lutaram entre si. Quando no século XI começou a crescer o poder dos reinos cristãos os muçulmanos tiveram medo do avanço dos exércitos cristãos por isso convidaram os almorávidas, posteriormente os almorávidas convidaram os almoádas (ver subcapítulos 4.1.4 e 4.1.5). Esta decisão complicou as relações dentro da sociedade e mais tarde causou indiretamente o declínio do Império muçulmano.

Em 1086 as tropas cristãs lideradas por Afonso VI de Castela foram derrotadas pelos almorávidas na batalha de Zalaca. Apesar desta derrota os cristãos continuaram a conquistar o território perdido. Quando em 1185 conquistaram Cuenca os Almorávidas pediram ajuda aos Almoádas que posteriormente derrotaram os cristãos na batalha de Alarcos em 1195. Então podemos dizer que a situação repetiu-se. Apesar da vitória, os almoádas não conseguiram impedir os cristãos de formação do reino de Portugal.⁵⁴

⁵⁴ <http://www.portugal-tchat.com/forum/origens-a-reconquista-crista-1095/3351-a-reconquista-crista.html>
23.2.2011

Em última análise pode-se dizer que a ascensão de reinos de taifas contribuiu para o fortalecimento do poder cristão. Os muçulmanos perderam o poder enquanto os cristãos conquistaram novos territórios no sul da península. O fim da dominação árabe é também caracterizado pela intolerância religiosa por causa da chegada dos Almorávidas e Almóadas, proseliticos do Islão mais puro. A posição dos judeus, que foram matados pelos Almorávidas e Almóadas, mudou também. Já não apoiaram os muçulmanos mas junto com os moçárabes fugiram para o norte peninsular onde começa a surgir o reino de Portugal, completo em 1249.

5.7 Sociedade na Península Ibérica depois do ano 1249

Em 1212 os reis de Portugal, Castela, Aragão e Navarra derrotaram os exércitos almóadas em Navas de Tolosa. Esta vitória completamente enfraqueceu o poder dos Almóadas que começaram a fugir para o Norte da África. Os reis de Portugal continuaram com sucesso a conquistar o Alentejo e o Algarve. O reino de Portugal tornou-se completo em 1249 quando D. Afonso III lhe anexou o Algarve.

Há muita polémica sobre a queda do Império árabe. Segundo o livro *Dějiny Portugalska v datech* de Jan Klíma o fim da reconquista cristã em Portugal e a queda do Império árabe aconteceu em 1249, segundo o livro *História concisa de Portugal* de José Hermano Saraiva foi em 1253 quando D. Afonso III conquistou a cidade de Silves. Porém de qualquer maneira foi em 1249 quando todo o Gharb al-Andalus era ocupado pelo reino de Portugal.⁵⁵

A reconquista não significou só a retomada dos territórios perdidos durante a dominação árabe mas também a purificação da Península Ibérica dos muçulmanos e a reconversão da população ao cristianismo. D. Afonso III não tomou nenhuma sanções contra os muçulmanos e deixou-os partir, mas muitos deles ficaram e dispersaram-se por todo o território de Portugal e misturaram-se com a população local. Por causa da nova religião dominante na península alteraram as relações na sociedade que foi composta por cristãos, moçárabes, judeus e muçulmanos. Com o fim da reconquista já não podemos falar sobre os muladis como um componente da sociedade porque durante todos esses anos da dominação muçulmana fundiram-se com muçulmanos.

⁵⁵ José Hermano Saraiva, *História de Portugal*

Durante os primeiros anos após a reconquista os judeus e os muçulmanos, que eram proprietários da terra e representavam a elite econômica, tiveram que pagar impostos elevados para poderem manter a sua própria religião. Quanto aos moçárabes, eles continuaram a professar o cristianismo. Porém, com a radicalização do cristianismo esta coexistência pacífica mudou de repente desde em meados do século XIII. Os muçulmanos e judeus eram perseguidos e forçados a converter ao cristianismo. Por esta conversão surgiram novos componentes da sociedade como por exemplo os marranos que eram os judeus que converteram voluntariamente ou por violência ao cristianismo e mouriscos ou mudéjares que eram antigos muçulmanos ou muladis convertidos ao cristianismo. Em caso de conversão forçada ao cristianismo podemos distinguir assim chamados judeus secretos e muçulmanos secretos que apesar da conversão ao cristianismo continuaram secretamente a professar a sua fé. Os moçárabes, à primeira vista um grupo sem problemas, não foram atendidos com uma recepção amigável da parte dos cristãos apesar da mesma religião. Ainda muitas vezes foram considerados mouriscos.

Como os cristãos não fizeram nenhuma diferença entre os moçárabes e mouriscos a situação dos moçárabes piorou-se quando os mouriscos foram expulsos para o norte da África, que era habitada pelos muçulmanos, que significaria a morte certa. Por isso os moçárabes e a parte dos mouriscos para salvarem a vida fugiram para o norte da Península Ibérica onde se misturavam gradualmente com os cristãos.

Apesar de que o cristianismo conseguisse dominar toda a Península Ibérica as minorias judaicas e muçulmanas lá sempre permaneceram. É difícil avaliar a posição destas três religiões neste intervalo do tempo que eu usei na minha tese. Quanto aos cristãos, só podemos constatar que durante a conquista perderam o seu território mas puderam continuar a professar a sua fé, os muçulmanos os toleravam, e o único período de perseguição dos cristãos era durante o domínio almorávida e almóada. Apesar da tolerância dos cristãos da parte dos muçulmanos durante a conquista, durante a reconquista os cristãos comportavam-se contra eles completamente oposto e os muçulmanos eram perseguidos apesar da conversão ao cristianismo. Quanto à minoria dos judeus, é difícil dizer se a sua posição era favorável ou difícil porque sempre foram perseguidos pelos cristãos, tanto no reino visigótico como durante a reconquista.⁵⁶

⁵⁶ Charles Julian Bishko, *The Spanish and Portuguese Reconquest, 1095–1492*

Conclusão

No meu trabalho tenho-me ocupado da situação na Península Ibérica antes da chegada dos Árabes, depois da sua chegada e do impacto global da sua acção no desenvolvimento da sociedade peninsular. Como a Península Ibérica foi um lugar estratégico tornou-se uma enclave árabe durante séculos. A Península Ibérica foi uma porta para a Europa, teve uma posição geográfica muito vantajosa e após a conquista da península os Árabes teriam ido mais longe à Europa se não tivessem sido derrotados na Batalha de Poitiers. Apesar desta derrota os árabes espalharam a sua cultura e a religião no território já conquistado. Então podemos dizer que o Islão e a cultura árabe estão relacionados com a Europa desde a Idade Média quando os primeiros conquistadores árabes desembarcaram na costa da Península Ibérica. À visita da Península Ibérica os vestígios da presença árabe são visíveis até hoje.

O objetivo principal dos seguidores do Islão foi estender a religião e através dela ganhar novos territórios. Como os Árabes conquistaram passo a passo novos territórios, o Islão obteve gradualmente muitos crentes. Os novos crentes do islamismo não eram forçados a converter-se, eles aceitaram esta religião voluntariamente. Como a sociedade árabe era muito avançada, o islamismo apresentou para novos crentes certo progresso e sobretudo integração à sociedade de nível alto. Porém, a conquista da Península Ibérica, onde o cristianismo apresentava a religião maior, diferenciava-se das conquistas dos territórios por exemplo do Norte da África. No meu trabalho mostrei que a conquista muçulmana da Península Ibérica não era motivada pela religião mas sobretudo pela intenção de ganhar o novo território que ia lhes abrir o caminho para a Europa. Isso é confirmado pelo surgimento das unidades administrativas, sobretudo pelo surgimento do emirado independente porque esta unidade territorial já não era dependente do poder central islâmico de Damasco. É graças a esta independência que a convivência dentro da sociedade era a convivência pacífica caracterizada como a tolerância religiosa.

As lutas entre os partidários de diferentes religiões também não foram motivadas religiosamente, mas territorialmente. Muitas vezes surgiram alianças mistas entre os muçulmanos e cristãos que lutaram contra outros muçulmanos ou cristãos que quiseram ocupar o seu território. Como o exemplo das lutas pelo território é o confronto entre os Abássidas e os Omíadas em 763 quando a maioria dos cristãos apoiou o exército dos

Omiadas e lutou junto com os muçulmanos contra os muçulmanos que apoiaram os Abássidas.

Há muitas obras que falam sobre a opressão dos cristãos durante a dominação muçulmana na Península Ibérica mas esta afirmação não é completamente exacta. Na minha tese provei que no início da conquista peninsular não podemos falar sobre a opressão dos cristãos porque os Árabes respeitaram outras crenças religiosas. Se alguns cristãos converteram ao islamismo foi a decisão livre e foi motivada sobretudo pelo melhoramento da posição na sociedade em que os Árabes formaram o componente principal. Sobre a opressão podemos falar desde o século XI quando as tribos radicais de Almorávidas e Almóadas começaram a penetrar no território peninsular com a intenção de reforçar o Islão. Neste caso trata-se da opressão dos cristãos mas não só dos cristãos, trata-se da opressão de todos os habitantes da Península Ibérica que não professavam o Islão. A religião acentuou as diferenças na sociedade e tornou-se o fato decisivo. Nesse momento melhoraram as relações entre os judeus e cristãos que fugiram juntos aos seus reinos cristãos.

Quanto à fase final da reconquista, gostaria de mencionar a atitude dos cristãos contra os sucedores das outras duas religiões. Apesar do fato que muitos muçulmanos e judeus ajudaram os cristãos a expelir os Almorávidas e Almóadas do território peninsular, os cristãos não toleravam o islamismo e judaísmo e começaram a perseguir todos não-cristãos.

A sociedade tão diversificada contribuiu sobretudo a um grande desenvolvimento cultural. Os Árabes trouxeram as obras de filósofos, pensadores, cientistas gregos traduzidas ao árabe que foram mais tarde traduzidas ao latim na escola de tradução em Toledo onde colaboravam os muçulmanos, cristãos e judeus. Apesar que nesse tempo a Península Ibérica tenha sido considerada como não pertencesse à Europa, tinha os intelectuais de diferentes línguas que conseguiram intermediar este património mundial para a Europa de então. Este é um exemplo muito bom para mostrar a importância destas três civilizações.

Hoje vemos muito raramente uma convivência pacífica de diferentes religiões. Mas na Idade Média o território da Península Ibérica foi um bom exemplo porque os habitantes cristãos, judeus e muçulmanos conseguiram viver na maioria do tempo em paz. Portanto é importante notar que as relações entre os Árabes e judeus ou árabes e cristãos eram

mais positivas do que as relações entre os cristãos e judeus que viviam no mesmo território desde o reino visigótico onde os judeus não foram bem tolerados. Também o encontro das igrejas cristãs, das sinagogas e das mesquitas nas cidades mostra a convivência religiosa. O Islão tolerou as outras religiões e propagou a afirmação que o sucesso atingido pela educação e conhecimentos é mais valioso e mais durável do que o sucesso atingido pelas armas e sangue.

Resumo em eslovaco

Obdobie od 5. storočia až po koniec reconquisty predstavuje veľmi dôležité obdobie, ktoré ovplyvnilo vývoj spoločnosti na Pyrenejskom polostrove. Táto historická epocha, ktorú môžeme charakterizovať ako obdobie spolužitia viacerých náboženstiev na jednom území, predstavuje obdobie rozkvetu Pyrenejského polostrova. Spolunažívanie kresťanov a židov vo Vizigótskom kráľovstve nebolo veľmi pokojné, pretože neustále medzi nimi vznikali konflikty. Na začiatku 8. storočia sa príchodom Arabov spoločnosť rozrástla o nové náboženstvo, islam. Napriek tomu, že Arabi veľmi rýchlo obsadili takmer celé územie Pyrenejského polostrova, k miestnym obyvateľom sa nesprávali násilne a zaručili prívržencom judaizmu a kresťanstva slobodu vierovyznania. Toto náboženské spolužitie sa vyznačovalo vzájomnou toleranciou, ktorá je pre islam veľmi ojedinelá. Táto tolerancia dokazuje vyspelosť vtedajšej arabskej spoločnosti, ktorá žila na Pyrenejskom polostrove. Avšak toto obdobie vzájomnej tolerancie netrvalo dlho a najvyspelejšia krajina západnej Európy sa postupne začala rozkladať kvôli vnútorným rozporom medzi prívržencami islamu. Postupujúca reconquista taktiež prispela k rozvratu spoločnosti a kresťanom sa podarilo úplne potlačiť islamskú zložku. Aj napriek vyhnaníu moslimov z územia Pyrenejského polostrova sa kresťanom nepodarilo zjednotiť spoločnosť pomocou náboženstva, práve naopak, na tomto území sa začalo prenasledovanie všetkých nekresťanov.

Resumo em inglês

The period from 5 century to the end of the Reconquista is a very important period, which influenced the development of the society of the Iberian Peninsula. This historical epoch, which can be characterized as a period of coexistence of multiple religions in one area, represents the flowering period of the Iberian Peninsula. A coexistence of the Christians and Jews in Kingdom of Visigoths was not very peaceful because conflicts were always present between them. At the beginning of the 8th century, the arrival of the Arabs brought a new religion, Islam. Despite the Arabs quickly occupied almost the entire territory of the Iberian Peninsula, they did not behave violently to local people and guaranteed freedom of the confession of faith to supporters of Judaism and Christianity. This religious coexistence is characterized by mutual tolerance which is very unique to Islam. This tolerance shows the maturity of the Arabic society which lived in the Iberian Peninsula. However, that period of mutual tolerance did not last long time and the most advanced country of Western Europe gradually began to break down due to internal conflicts between adherents of Islam. Advancing reconquista also contributed to the breakdown of society and Christians have managed to completely suppress the Islamic component. Despite the expulsion of Muslims from the territory of the Iberian Peninsula, the Christians could not unite society by religion, on the contrary, in this territory started the persecution of all non-Christians.

Anotação

Jméno a příjmení autora: Jana Fabová

Název fakulty a katedry: Filozofická fakulta, Katedra romanistiky

Název bakalářské práce: Convivência religiosa na Península Ibérica

Vedoucí bakalářské diplomové práce: Mgr. Petra Svobodová

Počet znaků: 90 880 (77 395 znakov bez medzier)

Počet příloh: 0

Počet titulů literatury a internetových zdrojů: 38

Klíčová slova: dobytie, reconquista, znovudobytie, Arabi, Kresťania, Židia, náboženstvo, náboženská tolerancia

Abstrakt: Obdobie od 5. storočia až po koniec reconquisty predstavuje veľmi dôležité obdobie, ktoré ovplyvnilo vývoj spoločnosti na Pyrenejskom polostrove. Táto historická epocha, ktorú môžeme charakterizovať ako obdobie spolužitia viacerých náboženstiev na jednom území, predstavuje obdobie rozkvetu Pyrenejského polostrova. Spolunažívanie kresťanov a židov vo Vizigótskom kráľovstve nebolo veľmi pokojné, pretože neustále medzi nimi vznikali konflikty. Na začiatku 8. storočia sa príchodom Arabov spoločnosť rozrástla o nové náboženstvo, islam. Napriek tomu, že Arabi veľmi rýchlo obsadili takmer celé územie Pyrenejského polostrova, k miestnym obyvateľom sa nesprávali násilne a zaručili prívržencom judaizmu a kresťanstva slobodu vierovyznania. Toto náboženské spolužitie sa vyznačovalo vzájomnou toleranciou, ktorá je pre islam veľmi ojedinelá. Táto tolerancia dokazuje vyspelosť vtedajšej arabskej spoločnosti, ktorá žila na Pyrenejskom polostrove. Avšak toto obdobie vzájomnej tolerancie netrvalo dlho a najvyspelejšia krajina západnej Európy sa postupne začala rozkladať kvôli vnútorným rozporom medzi prívržencami islamu. Postupujúca reconquista taktiež prispela k rozvratu spoločnosti a kresťanom sa podarilo úplne potlačiť islamskú zložku. Aj napriek vyhnaniu moslimov z územia Pyrenejského polostrova sa kresťanom nepodarilo zjednotiť spoločnosť pomocou náboženstva, práve naopak, na tomto území sa začalo prenasledovanie všetkých nekresťanov.

Bibliografia

Almeida, Fortunato de.: *Desde os Tempos Pré-Históricos a 1580*. Em: História de Portugal, Volume I. Lisboa: Editora Bertrand, 2004

Almeida, Carlos Alberto Ferreira de.: *História da arte em Portugal. O Românico*. Lisboa: Editorial Presença, 2001

Araújo, Luís Manuel de.: *Os Muçulmanos no Ocidente peninsular*. Em: Saraiva, José Hermano.: História de Portugal. Origens – 1245, Volume I. Lisboa: Edições Alfa, 1983

Arteta, Antonio U.- Campistol, Juan R.: *Dějiny Španělska*. Praha: Nakladatelství Lidové Noviny, 2002

Bishko, Charles Julian.: *The Spanish and Portuguese Reconquest, 1095–1492*. Em: A History of the Crusades, vol. 3: The Fourteenth and Fifteenth Centuries. edição por Harry W. Hazard, (University of Wisconsin Press), 1975

Catarino, Helena.: *A ocupação islâmica*. Em: História de Portugal dos tempos pré-históricos aos nossos dias. Edições Amadora, Ediclube, 1994

Heers, Jacques. *O Mundo Medieval*. Lisboa: Edição Ática, 1976

Herculano, Alexandre.: *História de Portugal. Desde o começo da monarquia até o fim do reinado de Afonso III*. Lisboa: Editora Bertrand, 1980

Huntington, Samuel P.: *Střet civilizací. Boj kultur a proměna světového řádu*. Praha: Rybka Publishers, 2007

Kaufmann, Hans.: *Maurové a Evropa* (trad. checo. Ivan Hrbek). Praha: Panorama, 1982

Klíma, Jan.: *Dějiny Portugalska*. Praha: Nakladatelství Lidové Noviny, 2007

Klíma, Jan.: *Dějiny Portugalska v datech*. Praha: Nakladatelství Libri, 2007

Lewis, Bernard.: *Os Árabes na História* (trad. port. M.R. Quintela), Lisboa, Estampa, 1982

Pereira, Paulo.: *História da Arte Portuguesa*, Volume I. 1995

Peres, Damião.: *História de Portugal, Edição Monumental*, Volume I. Porto: Editora Portucalense, 1928

Saraiva, José Hermano.: *História concisa de Portugal*, edição. Lisboa: Edições Alfa, 1993

Serrão, Joel - Marques, A. H. de Oliveira.: *Portugal, das Invasões Germânicas à «Reconquista»*, Volume II. Em: Nova História de Portugal. Lisboa: Editorial Presença, 1993

Oliveira, Anderson Bruno da Silva.: *Expansão Árabe na Península Ibérica*. publicado 18/06/2009. (<http://www.webartigos.com/articles/19909/1/EXPANSAO-ARABE-NA-PENINSULA-IBERICA/pagina1.html#ixzz1JzwAw8kp>); consultado em 8.2.2011

Mendes, Paula Frederico.: *A revolta dos Muladis de Xantamarya Al-Gharb*, 2010. (<http://aventar.eu/2010/06/06/a-revolta-dos-muladis-de-xantamarya-al-gharb/>); consultado em 6.11.2010

Feldman, Sergio Alberto.: *A Monarquia Visigótica e a Questão Judaica: Entre a Espada e A Cruz*. (http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum17_dos01_feldman.pdf); consultado em 23.2.2011

Heitlinger, Paulo. *O Reino Visigodo na Península Ibérica*, 2007 (<http://algarvivo.com/arqueo/visigotico/reino-visigodo.html>); consultado em 2.2.2011

Miranda, Gilbert Patsayev. *O Mundo Árabe* (<http://www.algosobre.com.br/historia/mundo-arabe-o.html>); consultado em 10.2.2011

Araújo, Adriene Pereira de.: *O Mundo Islâmico*, 2005. (<http://www.juliobattisti.com.br/tutoriais/adrienearaujo/historia009.asp>); consultado em 10.2.2011

Smith, Charles D.: *Árabes*. (<http://mb-soft.com/believe/ttnm/arabs.htm>); consultado em 11.3.2011

Santaella, Vinicius.: *O império muçulmano*. (<http://no.comunidades.net/sites/san/santaella/index.php?pagina=1088739588>); consultado em 4.2.2011

Vizigóti. (<http://www.espanolparati.sk/vizigoti/dejiny/Sisebut.htm>); consultado em 11.3.2011

Al-Andalus. (http://dicionario.sensagent.com/al+andalus/pt-pt/#A_conquista_territorial); consultado em 8.2.2011

Os Muçulmanos na Península Ibérica.

(http://www.libanoshow.com/home/cultura_arabe/iberica.htm); consultado em 20.3.2011

A História da Batalha de Poitiers ou Tours (Guerra).

(<http://www.ahistoria.com.br/batalha-poitiers-ou-tours/>); consultado em 4.2.2011

Emirado de Córdoba. ([http://www.infopedia.pt/\\$emirado-de-cordova](http://www.infopedia.pt/$emirado-de-cordova)); consultado em 17.3.2011

Divisões Dinásticas e Políticas do Islã.

(http://www.libanoshow.com/home/cultura_arabe/dinastia.htm); consultado em 5.2.2011

História do Gharb al-Andalus. Em: Comunidade Islâmica de Lisboa

(http://www.comunidadeislamica.pt/03b1.php?nivel_1=3&nivel_2=32&nivel_3=321); consultado em 5.2.2011

Súmula da história de Portugal. Introdução à história de Santiago de Cacém.

(<http://terrasdesantiago.planetaclix.pt/intrhistsantiagosumula03.htm>); consultado em 31.10.2010

Al-Andalus e a Reconquista. (<http://explorethemed.com/ReconquistaPt.asp?c=1>); consultado em 25.2.2011

A Reconquista Cristã. 2007. (<http://www.portugal-tchat.com/forum/origens-a-reconquista-crista-1095/3351-a-reconquista-crista.html>); consultado em 23.2.2011

(<http://www.mundovestibular.com.br/articles/4436/1/A-Alta-Idade-Media/Paacutegina1.html>); consultado em 20.12.2010

(http://www.islam.org.br/os_omiadas.htm); consultado em 11.3.2011

(http://www.islam.org.br/os_abassidas.htm); consultado em 11.3.2011

Lista das mapas

Mapa 1: Península Arábica	11
Mapa 2: Expansão muçulmana	12
Mapa 3: Expansão dos Abássidas	14
Mapa 4: Território visigótico depois da sua chegada	16
Mapa 5: Avanço dos muçulmanos para o Norte	22
Mapa 6: Conquista muçulmana da Península Ibérica	23
Mapa 7: Califado de Córdoba	26
Mapa 8: Taifas muçulmanas	27
Mapa 9: Avanço dos cristãos no início da reconquista	30
Mapa 10: Reconquista cristã no século XII	30